

Autor:

Rafaela Silva

rafaelasilva84@hotmail.com

Título:

A impregnação bíblica no romance arturiano em prosa: uma parábola no Lancelot en Prose

Resumo:

No âmbito do romance arturiano em prosa, pouco é o espaço que se tem dedicado ao estudo da matéria bíblica. Esse facto parece ainda mais flagrante no que concerne o *Lancelot en Prose*, romance que constitui o eixo narrativo do ciclo “Lancelot-Graal”, redigido em França, em torno de 1220.

Após um estudo minucioso elaborado em torno das parábolas dos Evangelhos, detetadas nas duas versões da conclusão do mencionado ciclo, a *Demanda do Santo Graal* portuguesa e a *Queste del Saint Graal*, trabalho que neste artigo apresentamos de forma muito sucinta, reservámos uma pequena análise de uma parábola inesperadamente encontrada no *Lancelot en Prose*. Propomos, assim, uma leitura da parábola dos “Dez talentos” e uma reflexão em torno da ação modeladora das Escrituras Sagradas, procurando compreender em que medida se enquadram na conceção cíclica.

Palavras-chave:

Romance arturiano; *Lancelot en Prose*; parábolas; “Os dez talentos”; Bíblia.

Abstract:

In what concerns the prose Arthurian romance, little space has been devoted to the study of biblical matter. This fact seems even more striking with regard to *Prose Lancelot*, a book that seems to be the narrative axis of the “Lancelot-Graal” cycle, written in France, around 1220.

After a thorough study about the parables of the Gospels, detected in the two versions of the conclusion of the cycle mentioned above, the Portuguese *Demanda do Santo Graal* and the *Queste del Saint Graal*, that we present in a very succinct way in this article, we reserved a brief analysis of a parable unexpectedly found in *Prose Lancelot*. Thus, we propose a reading of the “Parable of the talents” and a reflection on the modeling action of the Holy Scriptures, seeking to understand to what extent they fit into the cyclical conception.

Keywords:

Arthurian Romance; *Lancelot en Prose*; parables; “The parable of the talents”; Bible.

Como citar este artigo:

Rafaela Silva, «A impregnação bíblica no romance arturiano em prosa: uma parábola no *Lancelot en Prose*», *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, n.º 4, 2019, pp. 69-79.

DOI: <https://doi.org/10.21747/21839301/gua4a4>

A IMPREGNAÇÃO BÍBLICA NO ROMANCE ARTURIANO EM PROSA: UMA PARÁBOLA NO *LANCELOT EN PROSE*

Rafaela Câmara Simões da Silva
Bolsista do Projecto MELE
Universidade do Porto

A Bíblia é o «Grande Código» da literatura, segundo a expressão do poeta William Blake que o célebre estudioso canadense, Northrop Frye, retomou como título numa das suas obras consagradas à relação entre o *Livro Sagrado* das principais civilizações do Mediterrâneo e a produção literária do Ocidente¹. Este «Grande Código» foi partilhado durante séculos pelas sociedades ocidentais, influenciando, por consequência, na literatura que a partir do século XII se afirmou em línguas vulgares em solo europeu. O romance arturiano não escapa, efetivamente, a esta influência direta ou indireta das Escrituras.

O *Lancelot en Prose*², texto que propomos aqui abordar, numa tentativa de expor algumas das reminiscências bíblicas desenvolvidas em âmbito romanesco e tendo particularmente em conta a questão parabólica sobre a qual nos iremos debruçar, integra o grande ciclo de romances arturianos, também conhecido como «Lancelot-Graal»³, que, por volta de 1220, foi escrito e organizado em território francês, constituindo também o eixo narrativo deste mesmo extenso conjunto textual. Trata-se do longo romance biográfico de Lancelot que narra a relação amorosa deste cavaleiro com a rainha Genevra, as suas aventuras, bem como as de muitos outros cavaleiros, nele se anunciando a busca do Santo Graal, que seria levada a cabo por Galaaz, filho de Lancelot.

A atenção dos especialistas arturianos foi desde cedo prestada à matéria bíblica no ciclo arturiano em prosa, sendo a questão explorada nos seus vários ângulos⁴, desde o levantamento onomástico, à identificação de personagens e episódios do Antigo e Novo Testamentos que explicitamente são convocados na narrativa, como ainda a

¹ Frye (1981).

² Para uma abordagem ao *Lancelot en Prose* e ao lugar que este texto ocupa no âmbito da configuração cíclica, vejam-se os trabalhos de Lot (1918); Micha (1961, pp. 357-378); *idem* (1987); Dufournet (1984, ed.); Baumgartner (1984, pp. 1-15); Kennedy (1986); *idem* (1986a, pp. 1-9); *Lancelot* (1984); Miranda (1998, pp. 73-108); Valette (1998); Combes (2001). Outros estudos, mais recentes, devem também ser referidos: Correia (2015); Hook (ed., 2015).

³ Esta é a designação que lhe concede Ferdinand Lot em *Étude sur le Lancelot en prose*. Para alguma crítica, este conjunto articulado de romances é também o designado «ciclo da Vulgata».

⁴ Referimo-nos aos trabalhos de Anitchkof (1927, pp. 388-391); Lot-Borodine (1931, pp. 147-205); Le Hér, (1951, pp. 100-110); Micha, (1968, pp. 457-480); Matarasso (1979); Baumgartner (1981); Szkilnik (1989); Séguy (2010, pp. 57-78).

processos de escrita inspirados no Livro Sagrado⁵. Parece-nos, no entanto, escasso o caudal de estudos até hoje dedicados a este assunto, acrescentando-se igualmente a esta flagrante insuficiência a tendência para a circunscrição da análise da matéria bíblica a díspares alusões e citações, bem como a pequenas secções de texto selecionadas, descurando-se muitas vezes a ótica do desenvolvimento narrativo dos romances, assim como a lógica cíclica que neles subjaz. Neste sentido, também o *Lancelot en Prose* carece de um estudo mais aprofundado da influência bíblica exercida no domínio temático e ideológico do romance⁶.

Conquanto este propósito não tenha sido exaustivamente completado, iniciámos, na nossa investigação, um estudo alargado da impregnação das Escrituras Sagradas exercida no romance arturiano em prosa⁷, atendendo em particular à *Queste del Saint Graal* (Vulgata) e à *Demanda do Santo Graal* portuguesa, as duas versões alternativas da conclusão do ciclo do «Lancelot-Graal». Procedemos a uma análise comparada entre os dois romances, que confrontámos simultaneamente com a fonte bíblica, privilegiando a perspectiva alegórica (*allegoria in verbis* e *allegoria in factis*), seguindo de perto a terminologia exegética sancionada no período medieval. Por termos uma nítida perceção da dimensão cíclica implicada no conjunto textual, tornou-se inevitavelmente necessário atentar noutros romances que compõem o «Lancelot-Graal», como a *Estoire del Saint Graal* e o *Lancelot en Prose*, uma vez que também neles estão delineadas as linhas narrativas e ideológicas que articulam o ciclo.

No âmbito da alegoria, linha orientadora do nosso estudo, considerámos as parábolas bíblicas, convocadas na *Demanda* e na *Queste* Vulgata, como uma modalidade alegórica, cuja apropriação romanesca se revelou surpreendente nos dois textos em análise⁸. Um maior número de parábolas bíblicas (oito) foi por nós registado no texto da Vulgata comparativamente com as três parábolas encontradas na *Demanda*, larga diferença esta justificada pelo maior peso que possui a matéria espiritual na *Queste* e pela sua forte tendência para uma interpretação metafórica da cavalaria, favorável ao ascetismo que nitidamente prioriza. Não admira, por isso, que todas as parábolas empregadas neste romance se centrem em assuntos atinentes à redenção dos cavaleiros que empreendem o Graal, remetendo para questões de índole teológica, tais como a misericórdia e a concessão da Graça divinas, a apologia do arrependimento,

⁵ Strubel (1989); Séguy (2001); *idem* (2017); Valette (2008).

⁶ Apesar desta observação, devem ser mencionados os estudos já realizados em torno de alguns aspetos da presença bíblica neste romance: Lot (1918, p. 120: referência à origem bíblica do nome de Galaad); Combes (2001); Silva (2011, pp. 71-94); Punzi (2014, pp. 71-97); Silva (2017, pp. 71-90).

⁷ Referimo-nos à nossa tese de doutoramento recentemente defendida na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, intitulada: «A escrita bíblica e o romance arturiano em prosa: a *Demanda do Santo Graal* e a *Queste del Saint Graal*», disponível em https://catalogo.up.pt/exlibris/aleph/a23_1/apache_media/MR2AQY7HSVDTG2C83FSYD763RBKGKH.pdf

⁸ Veja-se o capítulo que dedicámos a esta questão, 1.1. A «modalidade parabólica», bem como a análise e as conclusões a que chegámos, no capítulo 2. A apropriação romanesca da parábola alegórica (*Demanda* e *Queste*).

confissão e penitência, que convergem, a nosso ver, numa doutrina recorrentemente defendida ao longo da *Queste* – a responsabilidade de cada indivíduo pela sua salvação.

Ora, todos estes argumentos, que acabam, no nosso entender, por eclipsar o verdadeiro sentido narrativo e ideológico que o ciclo promove, estão de certa forma ausentes na *Demanda*, não sendo abordados com a mesma intensidade e intenção da *Queste*. Embora o texto português recorra também a parábolas dos Evangelhos canônicos e partilhe até mesmo duas delas em comum com a *Queste* («As bodas» e «A porta estreita»), a intertextualidade bíblica patenteada assenta unicamente no firme objetivo de fundamentar a problemática cavaleiresca, e a temática gradaliana que lhe está associada, na mesma medida em que estas se encontram desenvolvidas nos restantes romances do ciclo – na *Estoire del Saint Graal* e no *Lancelot en Prose*.

No mesmo plano de análise, chamou-nos particular atenção o facto de uma parábola da *Queste* Vulgata ser mais vezes evocada (implícita ou explicitamente) no romance. Trata-se da parábola «Os dez talentos»⁹, conforme relatada no *Evangelho de Mateus*¹⁰. Esta parábola fora uma das histórias que Cristo contara no seu célebre discurso profético de natureza escatológica, sermão proferido no Monte das Oliveiras. Ali, Jesus exortara e instruíra os seus ouvintes com respeito à Sua segunda vinda, recorrendo, para isso, a algumas parábolas elucidativas quanto à necessidade de vigilância e à realidade de um Juízo aguardado. Nesse contexto, Cristo conta a história de um homem, provavelmente rico, que, antes de se ausentar do seu país, chama os seus servos, a fim de lhes confiar diferentes somas de dinheiro, «segundo a sua capacidade» (v. 15), para que as administrassem durante a sua ausência. Por fim, depois de muito tempo, o mesmo regressa e resolve acertar contas com os três homens a quem incumbira da gestão dos seus bens. Os dois primeiros, que haviam recebido cinco e dois talentos, geriram muito bem, duplicando mesmo o valor inicial. Quanto ao último, que havia recebido apenas um talento, não só não o fizera render, como o enterrara, recebendo a reprovação total do seu senhor, considerando-o um «mau servo», «preguiçoso» e «inútil» (vv. 26 e 30). A mensagem torna-se, deste modo, inteligível: cada crente é responsável pela gestão das bênçãos que lhe são confiadas, devendo fazer prova de um serviço fiel durante a ausência do Filho de Deus, na espera pelo Seu Reino vindouro.

Esta é, com efeito, a parábola escolhida pelo autor-redator da *Queste* para sustentar toda a argumentação teológica pretendida, favorecendo deste modo a ótica espiritualista que este romance tanto enfatiza. É evidente que, nesta convocação dos «Dez talentos» na *Queste*, a transposição da parábola do Evangelho para a ficção arturiana não é literalmente executada. Tanto do ponto de vista da letra, como da sua

⁹ Esta parábola foi também detetada por alguns especialistas, como Le Hîr (1951, pp. 100-110); Matarasso (1979, p. 123); Pauphilet (1980, pp. 184-186); Martins (1982, pp. 109-116, em especial p. 113); Séguy (2001, p. 240), sem contudo se proceder a uma análise do texto do Evangelho e dos verdadeiros motivos que estão na origem da sua apropriação na narrativa arturiana em causa, nem tão pouco averiguar as implicações deste pensamento bíblico no âmbito mais geral, atendendo ao raciocínio cíclico.

¹⁰ Mateus 25:14-30.

interpretação, a apropriação da parábola bíblica é feita apenas na medida em que esta lhe seja narrativa e ideologicamente profícua¹¹.

«Os dez talentos» surgem, pela primeira vez, explicitados num episódio concernente a Lancelot, personagem que, comparativamente às restantes, é claramente privilegiada pela abundância de ensinamentos e admoestações inspirados nas diferentes parábolas bíblicas. Desta personagem central se serve naturalmente a *Queste* para o propósito edificante por que se rege, reconhecendo facilmente o leitor, no percurso deste cavaleiro, a experiência da alma pecadora. A narrativa bíblica é, neste prisma, expressamente evocada por um eremita que aborda Lancelot com o objetivo de despertar a consciência do cavaleiro para a sua culpa e condescendência com o pecado e conduzi-lo a uma reforma espiritual.

O perfeito manuseamento da parábola do Evangelho é notório no romance da Vulgata, sendo a narrativa orientada segundo o mesmo foco da mensagem bíblica: o apelo à boa gestão dos dons concedidos por Deus ao crente e a expressa reprovação quando tal não se verifica. Ora, esta perspetiva acaba por circunscrever todo o enredo cavaleiresco e gradaliano ao conceito escatológico que a Bíblia apresenta. De facto, a aplicação dos «Dez talentos» no romance transparece toda uma estratégia de conceder à narrativa cavaleiresca uma leitura escatológica, aproximando intencionalmente o próprio empreendimento do Vaso Sagrado, a última e tão esperada aventura, do derradeiro encontro de cada indivíduo com Cristo, antecipando e cumprindo-se na ceia do Graal o que acontece posteriormente ao Juízo final¹² – a recompensa dos justos e aprovados por Deus. É justamente neste prisma que a mesma parábola é encenada num sonho alegórico de Lancelot, onde o cavaleiro assiste ao julgamento divino da sua própria linhagem, sendo ele o único condenado¹³.

Com o mesmo intuito de ilustrar e reforçar a ideia da responsabilidade individual perante o Juízo próximo, a parábola do Evangelho é ainda aplicada a outra personagem da *Queste* – Gauvain. Contudo, o sobrinho de Artur não aufere de uma exposição completa e explícita do ensinamento bíblico, ao contrário do que sucedera com Lancelot. Apesar disso, a mesma terminologia da parábola é empregada por um eremita que o aborda, ainda que de forma mais ténue e sucinta, com a finalidade de levar o cavaleiro a uma tomada de consciência de que o seu pecado o impede de obter o êxito esperado no seu percurso cavaleiresco, sendo este, por sua vez, sempre indissociável da caminhada espiritual.

As diversas ocorrências da história, ou a simples alusão mais sub-reptícia aos «Dez talentos» detetados na *Queste*, respondem, como verificámos, a uma nítida necessidade de fundamentar no romance uma ideologia de tendência mais espiritualista e ascética numa base bíblica, fonte incontestável de autoridade.

¹¹ Todos esses detalhes da apropriação dos «Dez talentos» por parte do romance arturiano foram já por nós explanados no capítulo «Os dez talentos», no âmbito da nossa tese de doutoramento, anteriormente referida.

¹² A expressão «jor del joise» é aliás neste sentido empregada ao longo da *Queste Vulgata* (*Quête*, Bogdanow, ed., 2006, pp. 310, 362).

¹³ Veja-se o que sobre este sonho de Lancelot dissemos, no nosso trabalho, nas páginas 69, 70, 113 e 238.

Ainda que o argumento bíblico não invalide em nada as matérias cavaleiresca e gradaliana características do texto arturiano, será interessante notar, à luz do constante recurso observado às Escrituras Sagradas, a opção, levada ao extremo na *Queste*, de unilateralizar estas mesmas temáticas à dimensão salvífica, de modo a promover a leitura edificante. Com esta escolha, a *Queste* Vulgata acaba por se distanciar da lógica cíclica, desviando-se das linhas narrativas e ideológicas que interligam os diferentes textos do ciclo arturiano em prosa. Não é, porém, a referência bíblica que assim o dita, pois da mesma fonte bíblica bebe a *Demanda* sem em nada divergir do projeto cíclico.

A opção da *Queste*, anteriormente observada, é precisamente patenteada na convocação reiterada da parábola dos «Dez talentos», tendo em conta que ao longo de todo o romance o raciocínio seguido será curiosamente o mesmo que fora comunicado através da narrativa do Evangelho. Não surpreende, pois, que esta seja a parábola predileta deste romance, tendo nele maior repercussão relativamente às restantes parábolas. De facto, todo o *corpus* parabólico por nós assinalado no texto da Vulgata gravita em torno dos «Dez talentos», viabilizando-se assim a interpretação metafórica da cavalaria e das aventuras do Graal em prol de uma perspetiva que edifique o espírito.

Considerando as implicações da convocação dos «Dez talentos» na averiguação da ligação que a *Queste* estabelece com o ciclo arturiano em prosa, notando, a este respeito, um nítido distanciamento do romance da Vulgata relativamente à composição cíclica, procurámos de alguma maneira compreender a origem desta preferência parabólica¹⁴. Nesta demanda, deparámo-nos com uma pequena narrativa muito curiosa no *Lancelot en Prose*, detentora de um sentido muito próximo daquele que é projetado na alusão aos «dez talentos», conforme avaliado no estudo da *Queste*.

Trata-se da breve história, contada pelo narrador, sobre a origem do nome da «Petite Aumône», abadia onde Lancelot leva Lionel ferido, depois de por ele combater, libertando-o de Vagor, o rei que o havia aprisionado. O narrador explica então que, no tempo em que José de Arimateia viera à Bretanha pregar o Evangelho, um rei se convertera através deste missionário e se batizara. Grato a Deus, o novo crente abandona todas as suas riquezas e o seu reino, passando a viver na pobreza, tornando-se homem errante durante mais de trinta anos. Certo dia, procurando alimento, bate à porta de uma ermida chamada «Secors de Povres Genz» e recebe do porteiro uma pequena porção de pão, deixando-o, ainda assim, com fome. No seu desespero e angústia, o rei faz uma prece e adormece perto da abadia, recebendo a resposta de Deus em visão:

Elyezer, dist il, moult t'ai trouvé **bon sergent et loial**, car onques por aventure que t'avenist en ta povreté ne te desperas: si est ore bien droiz que tu t'en aies **ta deserte et ton loier**: si te conmande que tu t'en ailles arriere en ta terrienne hautesce et soies ausi richement com tu fus onques plus; si voil que tu i ailles por ce que tu n'as mais a vivre que .LX. jorz et au .LXI. trespaseras de cest siecle. Et lors **te sera apparilliez li hanz regnes** que j'ai promis a cels qui mestent arriere dos le mal por moi servir. Et por ce que je voil que tu saches que je te di verité, je ai aporté

¹⁴ Não nos esqueçamos que os «Dez talentos» não se encontram no homólogo português, a *Demanda do Santo Graal*.

ton fil plus de .LX. lieus puis ore de tierce; si le troveras devant toi, quant tu t'esveilleras et saches que tu l'engendras celui jor que tu venis en essil (*Lancelot*, Micha, ed., 1980, V, p. 84).

É, assim, prometida a Eliezer a recompensa pelas suas boas obras e sacrifício. Neste sonho, o rei recebe ainda como garantia divina do galardão, que em breve alcançaria, a boa notícia de que tem um filho, nascido aquando do seu exílio. Ao despertar, o reencontro concretiza-se, pronunciando o rei as seguintes palavras ao seu filho:

Biaux filz, **bom servir** fait celui qui tel **guerredom** rant conme de donner a la fin et la hautesce des ciels et **la joie qui ja ne faudra**, et tel **servise** voldroie je avoir, s'il plesoit a celui qui me fist, quex que pechierres que je soie, car moult m'a mes peres bele demonstrance faite, quant il meismes m'est venuz querre (*Lancelot*, Micha, ed., 1980, V, p. 85, sublinhado nosso).

A partir desse dia até à sua morte, conta-se que o rei tratou os pobres com generosidade, característica que daí em diante lhe é atribuída. Depois de regressar ao seu reino e retomar as suas funções, mudou o nome da abadia, onde reencontrara o seu filho, chamando-a «Abaie de la Petite Aumone», aludindo à tão pequena porção de pão que naquele lugar lhe fora oferecida.

Este pequeno excursão registado no *Lancelot en Prose*, integrado no romance talvez com o propósito de engrandecer a largueza de espírito de um rei, divinamente recompensada, é significativa no âmbito da nossa análise, pois patenteia um sentido muito próximo da história contada por Cristo, reportada no *Evangelho de Mateus*, contendo alguns termos semelhantes àqueles que encontramos na alusão à parábola dos «Dez talentos» na *Queste Vulgata*, conforme se pode verificar nas expressões que destacámos em cada citação. Com efeito, também a esta personagem do *Lancelot en Prose* é aplicada a designação «bon sergent et loial» com o objetivo de reconhecer nele o bom serviço prestado a Deus, pela sua fidelidade demonstrada no meio de uma grande provação. Assim como ao «buens serjanz et loiax»¹⁵ da parábola contada pelo eremita da *Queste*, a recompensa sobrevem pela lealdade comprovada para com o seu senhor, também Eliezer recebe a aprovação divina («ta deserte et ton loier») que se traduzirá pela entrada no Paraíso («li hauz regnes»), onde a felicidade é eterna («la joie qui ja ne faudra»), conforme descrito igualmente no texto da *Vulgata*.

No âmbito desta análise, será interessante notar que o episódio em causa se relaciona com a matéria da *Estoire del Saint Graal*, situando-se explicitamente a história do rei Eliezer, como atrás mencionámos, no contexto da missão cristianizadora encabeçada por José de Arimateia já em terras ocidentais, na Grã Bretanha, como o próprio texto indicará: “au tans Joseph d'Arimateie et vint em ça Grant Bretaine par le commandement Nostre Seingnor”¹⁶. Ainda que se possa tratar de uma remissão

¹⁵ Cf. *Quête* (Bogdanow, ed., 2006, p. 210).

¹⁶ *Lancelot* (Micha, ed., 1980, V, p. 82).

artificial¹⁷, num relato retrospectivo, tendo em conta que esta história não se encontra no romance onde essa aventura teria ocorrido, não deixa de ser aqui manifesta uma clara intenção de articulação cíclica entre o *Lancelot en Prose* e a *Estoire del Saint Graal*.

Perante estes dados, é possível aventar algumas conclusões.

Parece-nos uma hipótese plausível que o autor-redator da *Queste Vulgata* se tenha inspirado neste episódio do *Lancelot en Prose*, revelador de uma certa preparação da narrativa para um ambiente diferente e propício para o encadeamento cíclico planeado, socorrendo-se igualmente das Escrituras, que bem conhece e masueia, para dar forma à ótica espiritual que pretendia no seu texto. Com esse fito, e para forjar melhor o seu argumento, introduziu na *Queste* as típicas fórmulas «il parole en l’Evangile», «dont li uns des evangelistes fet mencion»¹⁸, que naturalmente o *Lancelot* não ostenta, a fim de enfatizar a fonte bíblica, autoridade sagrada máxima. Este pressuposto torna-se ainda mais viável se tivermos em conta o reiterado procedimento observado na *Queste* de desenvolver um detalhe ou um motivo com potencial alegórico, importado de uma prévia fonte textual, e transformando-o num ponto de forte caráter espiritual¹⁹. No caso do episódio do *Lancelot*, de onde cremos proceder a ideia dos «Dez talentos», tenha-se presente que não é obviamente a vertente espiritual aquela que predomina na fonte, romance este caracteristicamente cavaleiresco, sendo esse tipo de leitura tenuemente patenteado neste trecho específico do texto que, como vimos, constitui uma pequena excursão na narrativa.

Por fim, através da alusão bíblica aos «Dez talentos» descoberta no *Lancelot en prose*, podemos comprovar como a ação modeladora das Escrituras pode na perfeição ser exercida na narrativa arturiana, sem com isso comprometer a linha de pensamento do texto que dela se apropria, nem tão-pouco o projeto cíclico no qual este se insere.

Bibliografia:

Anitchkof, Eugène (1927), «Le Galaad du Lancelot-Graal et les Galaads de la Bible», *Romania*, 53/211, pp. 388-391.

¹⁷ Vejam-se as considerações de José Carlos Miranda a respeito das importações mútuas de matéria entre o *Lancelot en Prose* e a *Estoire del Saint Graal*, num processo que terá procurado uma melhor articulação do universo cíclico (Miranda, 1998, pp. 93-102). Segundo o estudioso portuense, o episódio da “Abaie de la Petite Aumosne” confirmaria também essa mesma intenção de troca de matéria entre os dois romances (Miranda, 1998, p. 100).

¹⁸ *Ibidem*.

¹⁹ É o que sucede, por exemplo, na aventura concernente a Melians, narrativa também existente na *Demanda*, bebendo portanto a *Queste Vulgata* da mesma fonte, ou seja, da redação primitiva – a “Queste-Galaad”. Cf. Miranda (1998, pp. 131-136). O mesmo se dá com a noção dicotómica “chevalerie terriene”/ “chevalerie celestiel”, importada da *Estoire del Saint Graal*, transformando-a o texto da *Vulgata* numa oposição mutuamente exclusiva, com o objetivo de promover uma vez mais a espiritualidade na leitura metafórica que faz da cavalaria. Cf. Silva (2019, pp. 194-197).

- Baumgartner, Emmanuèle (1981), *L'arbre et le pain. Essai sur la Queste del Saint Graal*, Paris, SEDES.
- Baumgartner, Emmanuèle (1984), «Remarques sur la prose du *Lancelot*», *Romania*, 105, pp. 1-15.
- Combes, Annie (2001), *Les voies de l'aventure. Réécriture et composition Romanesque dans le Lancelot en prose*, Paris, Champion.
- Correia, Isabel (2015), *Do Lancelot ao Lançarote de Lago: tradição textual e difusão ibérica do romance arturiano contido no Ms. 9611 da Biblioteca Nacional de Espanha*, Porto, Estratégias Criativas.
- Dufournet, Jean (ed., 1984), *Approches du Lancelot en Prose*, Paris, Champion, 1984.
- Frye, Northrop (1981), *The Great Code. The Bible and Literature*, London, Cox&Wyman Ltd.
- Hook, David (ed., 2015), *The Arthur of the Iberians. The Arthurian legends in the Spanish and Portuguese worlds*, Cardiff, University of Wales Press.
- Kennedy, Elpeth (1986), *Lancelot and the Grail. A Study of the Prose Lancelot*, Oxford, Clarendon Press.
- Kennedy, Elspeth (1986a), «The re-writing and the re-reading of a text: the evolution of the Prose *Lancelot*», in A. Adams et al. (ed.), *The Changing Face of Arthurian Romance. Essays on Arthurian Prose Romances in Memory of Cedric E. Pickford, a Tribute of The British Branch of International Arthurian Society*, Woodbridge, Boydell, pp. 1-9.
- Lancelot. Roman en prose du XIIIème siècle* (1978-1983), édition critique avec introduction et notes par Alexandre Micha, Genève, Droz, 9 vols.
- La Quête du Saint Graal, roman en prose du XIIIème siècle* (2006), texte établi et présenté par Fanni Bogdanow, trad. Anne Berrie, Paris, Librairie Générale Française (Lettres Gothiques).
- Lancelot* (1984), in Danielle Büschinger (ed.), *Actes du Colloque d'Amiens. 14-15 janv. 1984*, Göppingen, Kümmerle.
- Le Hîr, Yves (1951), «L'élément biblique dans la *Queste del Saint Graal*», in *Lumière du Graal*, Paris, Cahiers du Sud, pp. 100-110.
- Lot, Ferdinand (1918), *Étude sur le Lancelot en prose*, Paris, Champion.
- Lot-Borodine, Myrrha (1931), «Autour du Saint Graal. À propos des travaux récents», *Romania*, 57/225, pp. 147-205.
- Martins, Mário (1982), «A confissão e a Vulgata-“Queste”», *Didaskalia*, XII, pp. 109-116.
- Matarasso, Pauline (1979), *The Redemption of Chivalry. A study of the Queste del Saint Graal*, Genève, Droz.
- Micha, Alexandre (1961), «Études sur le Lancelot en Prose», *Romania*, 82/327, pp. 357-378.

- Alexandre Micha (1968), «“matière” et “sen” dans l’Etoire dou Graal de Robert de Boron», *Romania*, 89/356, pp. 457-480.
- Micha, Alexandre (1987), *Essais sur le cycle du Lancelot-Graal*, Genève, Droz (Publications Romanes et Françaises, 179).
- Miranda, José Carlos (1998), *A Demanda do Santo Graal e o ciclo arturiano da Vulgata*, Porto, Granito.
- Pauphilet, Albert (1980), *Études sur la Queste del Saint Graal attribuée au Gautier Map*, Paris, Honoré Champion, pp. 184-186.
- Punzi, Arianna (2014), «L’allegoria nel Lancelot du Lac», Mito e storia nella tradizione cavallaresca», *Rhesis. International Journal of Linguistics, Philology and Literature*, 4/2, pp. 71-97.
- Séguy, Mireille (2001), *Les romans du Graal ou le signe imaginé*, Paris, Champion.
- Séguy, Mireille (2010), «La tentation du pastiche dans l’Etoire del Saint Graal: retraire, refaire, défaire la Bible», in *Faute de Style. En quête du pastiche médiéval*”, Montréal, Presses de l’Université de Montréal, pp. 57-78.
- Séguy, Mireille (2017), *Le livre-monde. L’Etoire del Saint Graal et le cycle du Lancelot-Graal*, Paris, Champion.
- Silva, Rafaela (2011), «Lancelot na contra-luz do rei David», in R. Ferreira, A. S. Laranjinha e J. C. Miranda (org.), *Seminário Medieval 2009-2011*, Porto, Estratégias Criativas, pp. 71-94.
- Silva, Rafaela (2017), «Do rei exemplar. Alguns ecos bíblicos na oratória do *Lancelot en Prose*», in *Revista de Literatura Medieval*, XXIX, pp. 71-90.
- Silva, Rafaela (2019), «A escrita bíblica e o romance arturiano em prosa: a *Demanda do Santo Graal* e a *Queste del Saint Graal*», tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
Disponível em:
https://www.academia.edu/40403382/A_Escrita_B%C3%ADblica_no_Romance_Arturiano_em_Prosa_a_Demanda_do_Santo_Graal_e_a_Queste_del_Saint_Graal.
- Strubel, Armand (1989), *La Rose, le Renart et le Graal, La littérature allégorique en France au XIIIème siècle*, Genève, Slatkine.
- Szkilnik, Michelle (1989), *L’archipel du Graal*, Genève, Droz,.
- Valette, Jean-René (1998), *La Poétique du merveilleux dans le Lancelot en Prose*, Paris, Champion.
- Valette, Jean-René (2008), *La pensée du Graal. Fiction littéraire et théologique (XIIè-XIIIè siècles)*, Paris, Champion.